

FILOSOFIA PARA CRIANÇA: QUESTÕES, METODOLÓGICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PHILOSOPHY FOR CHILDREN: ISSUES, METHODOLOGIES FOR THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL EDUCATION

SANTANA, Ana Gabriela Pereira¹; REIS, Gabriela Alves dos²; BORGES, Neide Castro de
Morais³; FRIEDRICH, Márcia⁴

RESUMO:

Este trabalho aborda a importância da filosofia para criança da educação nos anos iniciais para o seu desenvolvimento social. Tal abordagem se faz necessária, pois o estudo da filosofia implica em trabalhar com alguns conceitos nem sempre presentes nas escolas. Ao propor o tema com atividade primordial e investigativa, as crianças são convidadas a refletir sobre as próprias suposições, refletindo e tirando suas próprias conclusões além de se envolverem com situações presentes na filosofia, tais como identidade, imaginação, verdade, certo e errado, amizades, entre outras. O objetivo deste trabalho é investigar a partir da prática dos professores, como acontece a mediação do conhecimento filosófico por meio do estímulo ao pensamento e o papel do professor como mediador para esse desenvolvimento da criança do ensino fundamental. O objetivo deste será atingido a partir de uma pesquisa de campo em diálogo com os referenciais teóricos pertinentes ao tema. A revisão bibliográfica principal está respaldada na obra do filósofo Matthew Lipman e também se embasa nos pensamentos de outros estudiosos. A pesquisa aponta que ao proporcionar aos alunos um ambiente educativo e reflexivo que possibilita o aperfeiçoamento das habilidades de raciocínio, estará também capacitando-os a pensar filosoficamente sobre a realidade na qual estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Pensar. Educação. Infância.

ABSTRACT:

This work approaches the importance of the philosophy of education for children in the early years for their social development. Such an approach is necessary, as the study of philosophy implies working with some concepts not always present in schools. By proposing the theme with primordial and investigative activity, children are invited to reflect on their own assumptions, reflecting and drawing their own conclusions, in addition to getting involved with situations present in philosophy, such as identity, imagination, truth, right and wrong, friendships, among others. The objective of this work is to investigate, from the teachers' practice, how the mediation of philosophical knowledge happens through the stimulation of thought and the role of the teacher as a mediator for this development of children in elementary school. The objective of this will be achieved from a field research in dialogue with the relevant theoretical references to the theme. The main bibliographic review is based on the work of the philosopher Matthew Lipman and is also based on the thoughts of other scholars. The research points out that by providing students with an educational and reflective environment that enables the improvement of reasoning skills, it will also be enabling them to think philosophically about the reality in which they are inserted.

KEYWORDS: *Philosophy. Think. Education. Infancy.*

¹ Ana Gabriela Pereira Santana: Acadêmica do Curso de Pedagogia Facunicamps. Email: anagabrielapereira14153@gmail.com

² Gabriela Alves dos Reis: Acadêmica do Curso de Pedagogia Facunicamps. Email: gabidosreis77@gmail.com

³ Neide Castro de Moraes: Acadêmica do Curso de Pedagogia Facunicamps. Email: neide21.borges@outlook.com

⁴ Márcia Friedrich: Professora Orientadora. Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG). Graduada em Matemática e Física, Graduada em Ciências, Graduada em Pedagogia. Professora da Facunicamps desde 2018. E-mail: marcia.friedrich@facunicamps.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os conceitos de educação e o do pensamento se entrecruzam ao analisarmos uma proposta cuja finalidade é iniciar as crianças no campo da filosofia. Uma área essencial do conhecimento para a formação do pensamento reflexivo, considerando a importância de pensar, uma leitura sobre a filosofia subjacente foi realizada baseada nos pressupostos do pensador Matthew Lipman. (LIPMAN, 1995). No final da década 1960, Lipman lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à filosofia e, na tentativa de provar suas convicções, o autor desenvolveu uma metodologia e um currículo específico, assim como materiais didáticos acessíveis à faixa etária dos alunos, na intenção de que sua ideia fosse uma realidade.

Este artigo objetiva conhecer e refletir sobre a proposta existente no programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman e da formação educacional dos estudantes desde os primeiros anos escolares. Parte-se do princípio que através de um ambiente investigativo em sala de aula, acredita-se que, ao se trabalhar a perspectiva da filosofia com crianças, elas serão despertadas para o conhecimento, descobrindo situações de vivências mais significativas no seu dia a dia, o que as levará a adquirir autonomia na construção de criação e escolhas, o que modificará sua maneira de pensar e agir.

Filosofia para criança é uma ideia que vem se desenvolvendo em alguns países com uma grande facilidade. No Brasil são poucos os professores que se arriscam em aplicar essa ideia, mas que tende a se expandir. Nessa perspectiva, o “saber pensar” constrói um papel na vida escolar dos alunos. A ideia de investir na educação para o “pensar” ainda na infância pode ser uma realidade em todo Brasil. Mas em que consiste a filosofia para crianças? Que projeto é este que envolve filosofia e crianças? Qual a metodologia usada? Que vantagens traz para a educação? Poderá pensar-se nesta proposta como uma filosofia da educação? São perguntas que de certa forma vão sendo respondidas ao longo desse trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A TEMÁTICA

A filosofia propõe a ampliação do desenvolvimento das habilidades dos estudantes, ao ser colocada em prática, por meio do diálogo a aprendizagem é motivada, e tem o foco de

fazer a criança pensar de modo reflexivo, formando cidadãos capazes de solucionar problemas, e viver de uma forma ética e investigativa. Com a incorporação da perspectiva metodológica cujo foco sobressalta os aspectos que direcionam as crianças para o pensamento reflexivo onde elas serão estimuladas a modificarem seus conceitos e atitudes, a respeito de determinados temas, permitindo que as próprias ideias sejam ampliadas, e a curiosidade também aumentada, pois a criança deve ser direcionada para reflexão, e aprofundamento do imaginário.

É possível ensinar as crianças do ensino fundamental anos iniciais, que a filosofia está em seu mundo, que a reflexão pode ser desenvolvida de forma que fique visíveis seus pensamentos usando frases completas nas exposições de suas ideias, ou na busca de respostas. Um dos objetivos da filosofia para crianças é mostrar que o conhecer é um processo grupal e social, pois a socialização ocorre no seu dia, em casa, na escola, na interação com seus colegas e professores. Tendo em vista que a filosofia propõe a ampliação do desenvolvimento das habilidades dos estudantes, ao ser colocada em prática, através do diálogo se motiva a aprendizagem, e tem o foco de levar a criança a pensar de modo reflexivo, com o propósito de formar cidadãos capazes de solucionar problemas, e viver de uma forma ética e investigativa.

O reconhecimento da importância do trabalho no seio da comunidade filosófica do tempo pode ser aferido pelo fato de o *Jornal de Filosofia*, o mais importante jornal americano no campo, dedicado a discussão sobre o tema, incluindo as contribuições filosóficas luminosas de Lewis da Universidade de Harvard, e Ernest Nagel, Dewey na Columbia University (LORIERI, 2010, p. 85-86).

Já que a tentativa filosófica comporta a ideia e a prática que interagem e se influenciam mutuamente. Importante frisar que uma ideia é de introduzir a filosofia para crianças, ou seja, pôr as crianças a vivenciarem a sua história, os seus métodos e seus problemas, e, outro aspecto importante é dispor de tudo que é necessário para concretizar essa ideia, que são as instituições. Segundo Lipman (LIPMAN, 1995, p. 44), tudo foi possível com a ajuda, persistência e trabalho dos seus colaboradores, dentre estes Ann Margaret Sharp (norte-americana), que junto com Lippman criou o *Institute for the Advancement of Philosophy for Children* – Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças.⁵

⁵ Ela é co-autora, com Lipman, de seis Manuais para o professor do currículo de Filosofia para Crianças e autora de Hospital de Bonecos, programa de filosofia para crianças de três a cinco anos. Ela também dirigiu o programa de doutorado em Filosofia para Criança que teve início em janeiro de 1999 na Montclair State University. Realizou numerosos cursos e conferências em mais de trinta países sobre o projeto de Filosofia para Criança,

Segundo o pensamento desses autores, a aprendizagem de uma criança está mais elevada do que qualquer ensino, as formas de estudo estão também no cotidiano em planejamentos nas escolas. Contudo, é importante que a família também mostre para essa criança como é a filosofia. Para que uma criança tenha um bom desempenho nos estudos, é necessário todo apoio familiar. Ao defender e propor um caminho para que as crianças filosofem, Lempert formulou uma crítica aos pressupostos teóricos da tradição filosófico-pedagógico ocidental, que contém três aspectos importantes: coloca-se contra o modelo de (ir) racionalidade filosófica adulta; questiona as concepções filosóficas instrumentalistas da infância; e consegue colocar sua objeção às pedagogias tradicionais. O caminho que Lipman propõe é o de reconhecer o estatuto filosófico do pensamento infantil por parte da filosofia. Portanto, ao pensar com e contra a tradição filosófica, apresenta o seu forte imperativo desse empreendimento crítico, pois não há filosofia sem negação de ideias, sem contraposições e rupturas com o estabelecido. Com longos anos de experiência com filosofia para crianças, Lipman constata que elas são capazes de manifestar os comportamentos cognitivos que são reconhecidos como filosóficos pela tradição, além de terem a capacidade de mergulhar na filosofia. As crianças vivenciam e praticam essa capacidade inerente ao ser humano, que é a possibilidade de filosofar.

Se entendemos a filosofia como um caminho que permite encontrar respostas aos fenômenos do mundo, pode-se dizer que a reflexão filosófica é tão antiga quanto a história da humanidade. Uma das bases da filosofia é a inquietude, a preocupação ou desejo por entender algo, o que faz da filosofia uma experiência reflexiva na procura de respostas sobre um fenômeno. Mas é necessário, neste ponto, ter certos cuidados: a filosofia não pode ser entendida como uma simples técnica de pensamento, mas sim uma disposição ao conhecimento, constante, sobre as coisas que nos rodeiam, acontecem e, normalmente, nos afetam. Como pensava Sócrates, a filosofia também é um espaço para a autocompreensão, com o objetivo de entender a si próprio. Paralelamente, busca pelas essências, ou seja, pelo mais fundamental que constitui aquilo que anima ao entendimento. Com esse propósito, o ensino de filosofia na infância se justifica pela possibilidade de ensinar, em especial a filosofar, desde as séries iniciais do ensino fundamental, corroborando para a formação

inclusive no Brasil em 1989 na Sociedade Portuguesa de Filosofia. Ronald Reed, norte-americano, fundador e diretor do programa Philosophy for Children (Filosofia para Crianças) na *Texas Wesleyan University* (Universidade Wesleyana do Texas, EUA), onde Lipman foi nomeado, pelo seu trabalho e dedicação. Foi autor e co-autor de dez livros, sendo o mais conhecido *Talking With Children* (conversar com as crianças) e Rebeca, sendo este traduzido para português pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. Ele trabalhou em 1979, com o ensino de Filosofia para Criança, até a sua morte em 1998.

intelectual, moral e afetiva das crianças desde as primeiras etapas de sua vida. Sua importância também nos remete ao fato de que a filosofia faz parte dos sistemas escolares há uma longa data: desde a cultura grega e latina até nossos dias, seja como disciplina obrigatória ou, atualmente, optativa. Outro fator que deve ser mencionado, é o fato de que a reflexão é uma das características marcantes da filosofia e pode ser incentivada em qualquer idade, ou seja, começar na infância.

Em meio a inúmeros fatos que justificam a importância do ensino de filosofia na educação básica, alguns autores enfatizam que ela atende uma das necessidades básicas de todo ser humano: a tentativa de se compreender. Para isso, é possível utilizar dados da experiência, bem como aqueles que provêm das mais diversas ciências. Apesar do nítido reconhecimento da filosofia como espaço e ponte para a formação integral do ser humano, é um fenômeno mundial que o seu ensino não seja considerado como algo fundamental na educação das crianças, salvo contadas experiências. No Brasil, por exemplo, desde a publicação em 2018 da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a filosofia deixou de ser obrigatória no currículo brasileiro. Isto tem gerado inúmeros debates e inquietações por parte de docentes e pesquisadores, que consideram a filosofia de grande relevância na formação dos educandos da educação básica. Frente a esse cenário, o seu papel de resistência é novamente evidenciado.

Concordamos com Lipman e a sua defesa de que desde os primeiros anos escolares, as crianças deveriam aprender a filosofar, pois tal prática se refletiria de forma positiva ao longo de toda a sua formação, facilitando a aprendizagem das mais diversas matérias, além de torná-los cidadãos reflexivos e críticos. As crianças naturalmente são curiosas, portanto, ensiná-las a filosofar, a construir um pensamento próprio que ultrapasse a simples memorização, ampliando os saberes inerentes ao seu intelecto, autoconhecimento, compreensão de valores éticos, dentre tantos outros aspectos, mostra-se uma necessidade latente e que deve ser reconhecida nas inúmeras instituições de ensino brasileiras. Portanto, torna-se uma necessidade a retomada dos projetos de filosofia para crianças que há muito se perderam no contexto brasileiro, especialmente nas instituições públicas.

O acesso ao conhecimento filosófico é imprescindível para que os educandos matriculados na educação básica aprendam a lidar com ideias e informações diversas, ampliando gradativamente seu senso crítico e a forma como compreendem a sociedade. Dessa

forma, “[...] o conhecimento que anteriormente era conduzido apenas por opiniões comuns, destituídos de critérios e ressignificado na medida em que se apropriam de visão holística da vida e da realidade” (PAVIANI, 2003, p. 32). Desse modo, a discussão dos conteúdos filosóficos cumpre o fim pensado por Lipman que se centra na ampliação das habilidades cognitivas dos educandos, a partir dos seus primeiros anos escolares. Por meio do diálogo, os conceitos vão sendo abordados de forma contextualizada, as pré-compreensões são questionadas, as ideias convergentes e divergentes são postas em debate.

Quando as salas de aula são transformadas em pequenas comunidades de investigação, o ensino e a aprendizagem tornam-se mais significativos, uma vez que os problemas são discutidos e os educandos precisam encontrar soluções para cada um deles, de forma coerente e ética, observando os contextos nos quais vivem, os valores compartilhados e aceitos, etc. Na infância a curiosidade é comum, bem como o anseio por conhecer o mundo e o modo como está estruturado, por isso, quando as crianças têm contato com um professor de filosofia, o modo como irá direcionar o processo de ensino e aprendizagem contribuirá efetivamente para seu desenvolvimento integral.

A reformulação do currículo de fato se mostrou uma necessidade no Brasil, entretanto, acreditamos que ao invés de atacar e excluir a filosofia, ela deveria ser inserida na matriz desde os anos iniciais, fomentando a formação docente, a transformação nas aulas mediadas, nas relações dialógicas e investigativas que poderiam ser iniciadas precocemente, retirando os educandos da passividade e tornando-os ativos na construção do seu próprio conhecimento.

3. A FILOSOFIA E AS QUESTÕES METODOLÓGICAS

O respeito à diversidade cultural e intelectual no esforço de construção conjunta do conhecimento impõe uma nova concepção do educar e provoca mudanças no próprio ambiente social. Uma compreensão de que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, distante da previsibilidade das ideias anteriores; educandos e professor detentores de experiências próprias, que são aproveitadas no processo. O professor possui uma visão sintética dos conteúdos, os educandos possuem uma visão sincrética, o que torna a experiência um ponto central na formação do conhecimento,

mais do que os conteúdos formais; uma aprendizagem essencialmente coletiva, assim como é coletiva a produção do conhecimento.

O verdadeiro conhecimento não deve se contentar em aderir às descobertas, e sim, ser construído por meio de retificações e do rompimento com ideias precedentes, colocando-se na intenção de uma razão aberta e transformativa, abandonando a preocupação com aspectos úteis para a vida em prol dos aspectos úteis ao espírito. A experiência e o conhecido devem servir como fonte de questionamento na formação do espírito científico, eles não podem ser colocados acima da crítica, visto que não constituírem uma base segura quando desprovidos de apreciação. Categórico ao se pronunciar em oposição, a filosofia alicerçada nas doutrinas que atribuem a formação das ideias aos sentidos “sensualismo”, recebendo suas lições diretamente do dado claro, nítido, seguro, constante, sempre ao alcance do espírito totalmente aberto. As explanações nos mostram que para a formação do “novo” espírito científico é preciso abandonar não apenas o saber comum, mas também o saber fundamentado em critérios estabilizados que não se expõem a novas investigações, análises e questionamentos. É preciso abandonar o racionalismo clássico, pois ele não se compatibiliza ao racionalismo aplicado que respalda o novo espírito científico; para apreender um, é preciso desaprender o outro. Entende-se que se contrapõe ao processo de ensino que coloca o educando como um ser passivo, um mero “depósito” de conhecimentos. Compreender é uma emergência do saber.

O professor será aquele que faz compreender – e na cultura mais avançada em que o educando já compreendeu – será ele quem fará compreender melhor isso, no entanto, não nos parece uma tarefa simples. Ao tentar retirar do educando de tudo o que ele tem arraigado em si, seja pela experiência espontânea, seja pelo que memorizou no âmbito escolar, ou pelo conhecimento vulgar, apresentando-lhes novas informações que julgamos adequadas, podemos correr o risco de o educando abandonar-se a si e ao seu ensinado, diante da soberania do saber do mestre. Mas em que consiste a filosofia para crianças, pode se pensar a proposta da como uma filosofia da educação? Para se entender a resposta à questão é necessário primeiro passar pelo que motivou, e o que levou, a criar este projeto.

A filosofia para criança surge em consequência do comportamento dos estudantes da Universidade de Columbia, New York - EUA, onde Matthew Lipman lecionava Introdução à Lógica, da sua observação das revoltas estudantis de 1968, o filósofo preocupou-se com o que se estava a passar. Recepcionou os esforços desajeitados da Universidade para se reavaliar e

não pôde deixar de concluir que os problemas de Columbia não podiam ser resolvidos no quadro desta instituição. Estudantes e professores tinham saído da mesma matriz da escola primária e secundária. Concluiu então, que não tinham recebido uma educação boa, muito provavelmente tinham chegado a compartilhar as mesmas ideias errôneas que levariam a estropiar a educação posterior em feliz conluio mútuo. Contribuiu-se, também, para o florir desse projeto a oportunidade que Lipman teve de observar os esforços de um professor de crianças com deficiência neurológica para ensiná-las a ler. Perante os esforços inúteis do professor, Lipman sugeriu que lhes fossem dados exercícios para tirar inferências lógicas. Mais tarde, o professor comunicou-lhe que essa prática tinha funcionado. Lipman confirmou o seu palpite de que as crianças podiam aproveitar a instrução no raciocínio, contando que recebessem contribuições da filosofia, especialmente nas áreas de lógica, ética, estética e epistemologia. Ressalta-se ainda, que se podia ajudar as crianças a pensar com mais clareza, já que lhe parecia que elas pensavam tão naturalmente como falavam e respiravam.

Todavia, a questão era: como conseguir que pensassem bem? As falhas nos raciocínios dos educandos, os comportamentos e o trabalho de professores com crianças incapacitadas neurologicamente foram as causas, entre outras, que o levaram a pensar que os jovens não só precisavam de estudos sobre a lógica e filosofia, como o contato com ambos teria que ser muito antes da universidade. As crianças e a filosofia são aliadas naturais, pois em ambas, o assombro é o princípio do questionamento. Lipman (1999, p. 24) reafirma que “só os filósofos e os artistas se comprometem sistemática e profissionalmente em perpetuar o assombro, tão característico da experiência cotidiana da criança”. O projeto foi-se desenvolvendo, com a ajuda de alguns colaboradores, criando o *Institute for Advancement of Philosophy for Children no Montclair State College*, tornando-se, anos mais tarde, em *Montclair State University*, hoje com mais de trinta anos. Após o seu desenvolvimento, foram realizados vários seminários regulares intensivos e internacionais de formação em filosofia para criança. Pode-se dizer que pessoas do mundo inteiro têm assistido a esses cursos e divulgado a proposta nos seus lugares de origem ao longo dos últimos trinta anos.

4. METODOLOGIA

Esse artigo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica e da metodologia lipmaniana que se baseia no pensamento crítico e na filosofia para o desenvolvimento do

raciocínio e da reflexão. O objetivo desse estudo foi analisar os efeitos da utilização dessa abordagem no ensino de filosofia. Para isso, foram selecionados diversos artigos, livros e pesquisas que abordam a filosofia de Matthew Lipman e sua aplicação na educação. A metodologia lipmaniana propõe um ensino baseado no diálogo, no questionamento e na construção de argumentos, estimulando assim o pensamento crítico dos educandos.

Os resultados obtidos a partir dessa revisão bibliográfica indicam que a utilização da metodologia lipmaniana no ensino de filosofia promove uma maior participação dos educandos nas aulas, um aumento na capacidade de argumentação e uma melhora no desenvolvimento do raciocínio lógico. Além disso, os educandos que são expostos a essa abordagem tendem a desenvolver uma postura mais reflexiva e crítica em relação aos conteúdos filosóficos. No entanto, justifica-se que também foram identificadas algumas limitações e desafios na implementação dessa metodologia, como a necessidade de formação adequada dos professores e a resistência de alguns alunos e instituições a uma abordagem mais dialógica e reflexiva.

Ressalta-se ainda que, a pesquisa bibliográfica aponta que a metodologia lipmaniana pode ser uma abordagem eficaz no ensino de filosofia para criança, proporcionando benefícios significativos para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos educandos. No entanto, é importante considerar os desafios e limitações para uma implementação bem sucedida.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para tornar realizável esse trabalho foi desenvolvido uma pesquisa de campo por meio de um questionário com sete professores que atuam diretamente na educação infantil dentre estes participantes, um atua no ensino fundamental anos finais. Dentre os pesquisados, seis são pedagogos, um possui licenciatura em educação física, um possui especialização em educação infantil.

Nessa pesquisa buscou-se aprimorar as técnicas para assim alcançar com mais clareza os objetivos na construção do artigo. Para tanto, estuda-se metodologia, em particular técnicas de pesquisa, que ensinam como gerar, manusear e consumir dados, em contato com a

realidade de cada um dos pesquisados. Que também teve seu direcionamento na metodologia de trabalho a ideia de Matthew Lipman que é a filosofia para criança, sob uma perspectiva do ensinar a pensar com tempo de atuação variando entre um ano a vinte anos de trabalho. A primeira pergunta do questionário foi: Como você vê o pensamento dentro do contexto ensino e aprendizagem? “Acredito que a única educação verdadeira vem do estímulo às potencialidades da criança em função das demandas das situações sociais nas quais ela se encontra”. Qual a sua metodologia de trabalho em sala de aula que direcione para o pensamento crítico da criança e o que você pensa sobre esse assunto?

P1 É de fundamental importância trabalhar de uma forma ampla, onde a criança possa se expressar, sentir-se incluído no processo ensino aprendizagem. Sendo professora, é de fundamental importância trabalhar de uma forma ampla, onde a criança possa se expressar, sentir-se incluído no processo ensino aprendizagem. Sendo uma professora facilitadora, mediadora no processo.

P3 A criança aprende tudo o que ela tem interesse. E ela só pode ser crítica quando ela já tem um domínio em algum conteúdo. E isso só é possível com grande base de dados sobre determinado assunto. Essa perspectiva de criar crianças críticas é uma utopia. É melhor ver as competências e habilidades sendo desenvolvidas que com isso elas irão adquirir mecanismos para se aprofundar nos assuntos que as intrigarem.

P4 Como educador, acredito que o pensamento desempenha um papel essencial na educação. Concordo que a verdadeira educação surge quando estimulamos as potencialidades da criança em resposta às demandas sociais. Em minha metodologia de trabalho, busco promover o pensamento crítico dos alunos, utilizando abordagens pedagógicas que incentivam a investigação, análise e reflexão. Valorizo um ambiente colaborativo de aprendizagem, onde os alunos possam compartilhar ideias e aprender uns com os outros. Acredito que o desenvolvimento do pensamento crítico capacita as crianças a se tornarem cidadãos ativos e engajados, capazes de tomar decisões informadas e contribuir para a sociedade de forma positiva.

P5 Penso que a criança é um sujeito histórico, circunscrito numa classe social, numa cultura, num tempo (cronológico e não cronológico) é, portanto, um sujeito de direitos. Acredito numa metodologia de trabalho que possibilite à criança trazer seus conhecimentos e saberes, que instigue a investigação, a pesquisa, a curiosidade, que amplie, diversifique e complexifique o

que a criança já sabe é já aprendeu. Uma relação de protagonismo da criança tendo acesso ao patrimônio cultural e científico da humanidade de forma atuante e crítica.

P6 Acredito que trabalhando o potencial, de forma que a criança sinta que é capacitada a aprender e ser totalmente ativa no processo de aprendizagem. Podendo se utilizar de inúmeras ferramentas como suporte.

P7 Minha metodologia é crítico emancipatória, usando a dialética para isso. No entanto, é comum e não raro, buscar na fenomenologia subsídios para ensinar ao outro, o sentimento e significados dos seus atos. Assim, levo a criança a imaginar como seria se fosse com ela, enxergar o outro como importante e que como ele, também tem limitações, quer seja, cognitivas ou comportamentais.

O ato de “fazer” filosofia, para c, apresenta como foco o pensar questões articuladas às regras da lógica formal, resultando em pensamento excelente ou pensamento de ordem superior. Assim, o pensamento só poderia se desenvolver por meio da linguagem, o caminho mais coerente para o aprendizado do filosofar seria o “diálogo filosófico”. Dessa forma, o diálogo praticado por Lipman justifica que,

A criança que cresce na família tem sua curiosidade despertada pela aventura das conversas familiares e aprende a “reconhecer as vozes” e a “distinguir os momentos certos quando se fazem declarações, passando paulatinamente a iniciar-se no desenvolvimento da capacidade e participação” deste diálogo contínuo. Quando é chegada a hora para a educação formal, ocorre, mais uma vez: a iniciação no desenvolvimento desta capacidade e na participação da conversa, na qual aprendemos reconhecer as vozes, a distinguir os momentos certos das declarações e adquirimos os hábitos intelectuais e morais apropriados à conversação (LIPMAN, 1995, p. 35).

Com base na segunda questão sobre a filosofia para crianças, ensinar a pensar. Você trabalharia esta temática de que maneira?

P1 Utilizando ferramentas que possam estimular o pensamento e a imaginação, por meio de propostas lúdicas.

P4 Na abordagem da filosofia para crianças, eu trabalharia através de questionamentos, diálogos, leituras adaptadas, jogos e atividades filosóficas, além da exploração de questões filosóficas relevantes para a faixa etária. Isso proporcionaria aos alunos a oportunidade de desenvolver o pensamento crítico, analisar diferentes perspectivas e aplicar princípios

filosóficos em situações cotidianas, capacitando-os a se tornarem pensadores independentes e reflexivos.

P5 Rodas de conversas, assembleias deliberativas, situações problema, atividades artísticas livres e de fruição, elaboração de histórias coletivas tendo a professora por escriba, leitura de imagens, planejamento coletivo de brincadeira, escolha de atividades para portfólio, seleção de materiais para atividades, entrevistas individuais, leitura de poesias, brincadeiras em grandes e pequenos grupos.

P7 Na educação infantil, devemos nos adultos adentrar o universo da mente da criança, então, por meio de histórias e brincadeiras, estimularia as mesmas a pensar em uma solução de problemas, um final para um conto, na construção de um projeto, enxergando pelas lentes infantis.

O professor será aquele que faz compreender – e na cultura mais avançada em que o educando já compreendeu – será ele quem fará compreender melhor isso, no entanto, não nos parece uma tarefa simples. Ao tentar retirar do educando tudo o que ele tem arraigado dentro de si, seja pela experiência espontânea, seja pelo que “memorizou” no âmbito escolar, ou pelo conhecimento informal, apresentando-lhe informações que se julga adequadas, podendo correr o risco de o educando abandonar-se a si e ao seu ensinado, diante da ‘soberania’ do saber do mestre.

A proposta filosofia para crianças se coloca como uma chance de olhar e construir um pensamento crítico, constitui a sagacidade teórica da educação buscando novos horizontes. Com base em Lipman, Malacarne que afirma,

[...] pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é estar disposto a olhar para as crianças, vendo nelas não adultos em miniaturas, mas crianças que são capazes de, quando valorizadas, refletir com vistas a ter ideias próprias, o que é melhor, com grau de compreensão suficiente” (MALACARNE, 2005, p. 63).

Com relação a terceira questão em que se questiona sobre as habilidades cognitivas se agigantam e são fortalecidas a partir de uma comunidade de investigação, pois, a comunidade possibilita tanto a alunos quanto a professores “pensar como o processo pensar” (LIPMAN, 2008 (1995), p. 32.). Como você avaliaria esta questão?

P1 É importante pensar e agir em comum acordo, onde professor e aluno possam ser livres para expressar seus pensamentos de forma livre.

P4 A afirmação de que as habilidades cognitivas se fortalecem em uma Comunidade de Investigação é avaliada considerando-se fatores como a natureza da comunidade, o contexto educacional e as práticas pedagógicas. Nesse ambiente, alunos e professores engajam-se em diálogos colaborativos, investigam problemas e desenvolvem habilidades de pensamento crítico e criativo. A comunidade possibilita que os participantes reflitam sobre seus processos de pensamento, formulando perguntas, buscando evidências e construindo argumentos fundamentados.

P6 Esse processo de diagnóstico investigativo possibilita ao professor utilizar dessas informações para trabalhar de forma mais efetiva e certa.

Porém, a questão radicava em como conseguir que pensassem bem? As falhas nos raciocínios dos educandos, os comportamentos e o trabalho de professores com crianças incapacitadas neurologicamente foram as causas, entre outras, que levaram o pioneiro a pensar que os jovens não só precisavam de estudos sobre a lógica e filosofia, como o contato com ambas teria que ser muito antes da universidade. As crianças e a filosofia são aliadas naturais, pois em ambas o assombro é o princípio do questionamento. Lipman (1999, p. 24) diz que “só os filósofos e os artistas se comprometem sistemática e profissionalmente em perpetuar o assombro, tão característico da experiência cotidiana da criança”. Após o seu desenvolvimento realizaram-se seminários regulares intensivos e internacionais de formação em filosofia para criança. Pode dizer-se que “pessoas do mundo inteiro têm assistido a esses cursos e divulgado a proposta nos seus lugares de origem ao longo dos últimos trinta anos”.

A quarta questão se refere a crianças constantemente são impactadas pelo ritmo excessivo das sociedades modernas, o que por vezes as tornam solitárias, desabrigadas em seus lares por seus responsáveis trabalhadores incessantes. Partindo desse pressuposto, como trabalhar esse aspecto?

P1 É importante criar meios onde as crianças possam se sentir incluídas, apesar da dificuldade que se encontra, para que essas crianças não se sintam sozinhas.

P4 Para abordar o impacto do ritmo excessivo das sociedades modernas nas crianças, é importante promover um equilíbrio saudável entre trabalho e vida pessoal para os

responsáveis. Isso pode ser feito incentivando horários flexíveis, tempo de qualidade em família e o envolvimento dos pais na vida dos filhos. Além disso, criar espaços seguros e acolhedores nas comunidades, onde as crianças possam interagir e se conectar com outras pessoas, pode ajudar a combater a solidão e proporcionar um ambiente mais favorável ao seu desenvolvimento social e emocional.

P5 A instituição educativa tem o papel de complementar a educação, mas não é uma segunda casa. Família tem seu papel, instituição também, mas não é um contra o outro e sim um aliado ao outro. Então penso que não cabe à escola julgar a educação familiar e sim fazer uma parceria com as famílias, de maneira a mostrar o trabalho desenvolvido e também conquistar um maior engajamento dessas famílias nos processos de aprendizagem e desenvolvimento de suas crianças.

P6 Dentro da sala de aula podemos criar um ambiente seguro, tranquilo, sem telas e levando a criança ao pensamento reflexivo, que de certa forma irá suprir algumas necessidades da criança, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

P7 Utilizando nas aulas conteúdos de jogos, brincadeiras coletivas, onde se faz necessário a "ajuda" do outro. A ensinar que afeto importa e precisa ser demonstrado. Em rodas de conversascom leitura de história com. Essa temática. Ilustração sobre seu entendimento da mesma ou como se vê ou sente.

A quinta questão perpassa pelo programa “filosofia para crianças”. Lipman idealizava uma ruptura, uma educação que rompa com o paradigma padrão e deve alicerçar-se no paradigma-reflexivo que compreende a educação como “o resultado da participação em uma comunidade de investigação [...]”; consequentemente alunos e professores serão desafiados a pensar sobre o mundo entendido como complexo, problemático e controverso, o que incita o pensamento crítico sobre seus próprios conhecimentos e suas percepções de mundo”. A partir deste pensamento, de que forma você trabalharia esta metodologia?

P4 Sim, a metodologia do programa "Filosofia para Crianças" de Lipman pode ser uma abordagem valiosa para trabalhar o questionamento mencionado. Ao implementar essa metodologia, os alunos são incentivados a participar de comunidades de investigação, onde são desafiados a refletir sobre questões complexas e problemáticas, desenvolvendo assim habilidades de pensamento crítico e a capacidade de questionar seus próprios conhecimentos e

percepções de mundo. Isso pode ajudar as crianças a lidar com a solidão e o isolamento, promovendo um ambiente educacional enriquecedor e estimulante.

P5 Sim, não é fácil romper paradigmas, mas é necessário.

P6 Sim. Me identifico com esse pensamento. Precisamos enxergar além da nossa caixinha e olhar para as especificidades de cada um.

Se hoje, entre nós, se questiona a educação é porque existe abertura para tal questionamento. Foi a filosofia da educação que fez o papel de fornecer critérios para o debate.

A sexta questão se objetiva no seguinte aspecto: Como trabalhar a criatividade da criança e colocar os educandos em situações problemas para potencializar a inteligência e desenvolvimento dos alunos?

P1 Possibilitar a eles momentos onde possam se sentir desafiados, trabalhar habilidades distintas e potencializar o pensamento.

P4 Para trabalhar a criatividade das crianças e colocar os alunos em situações-problema para potencializar sua inteligência e desenvolvimento, é importante incentivar a exploração, a experimentação e o pensamento divergente. Propor desafios abertos, que estimulem a busca por soluções criativas, e promover atividades que envolvam o uso de diferentes habilidades, como o trabalho em equipe, a resolução de quebra-cabeças ou o pensamento crítico, são maneiras eficazes de desenvolver a inteligência e a criatividade dos alunos. Além disso, proporcionar um ambiente seguro, encorajador e livre de julgamentos, que valorize as diferentes perspectivas e ideias, é fundamental para estimular a criatividade e o desenvolvimento pleno dos alunos.

P7 Escute suas falas Ali você terá muitos subsídios. E com certeza é através do lúdico.

A sétima questão: Segundo a proposta de metodologia ativas a introdução da filosofia é um desafio pois a criança teria maturidade para trabalhar essa matéria no seu cotidiano escolar, devido aos novos desafios a serem acrescentados?

P3 Onde não se tem princípios, qualquer filosofia é vazia.

P4 Introduzir a filosofia como parte das metodologias ativas pode ser um desafio, pois requer considerar a maturidade cognitiva e emocional das crianças. No entanto, existem abordagens adaptadas à faixa etária, como o programa "Filosofia para Crianças", que utiliza estratégias e materiais adequados para envolver os alunos de forma significativa.

P6 O novo sempre será um desafio, mas com planejamentos estratégicos, dedicação e estudos, com certeza haverá êxito.

P7 Eu acredito que sim e possível. Porém não foi fácil. Requer persistência e um trabalho do coletivo. Onde não é raro, nos acomodamos pelo viés do mais prático e mínimo esforço.

Hoje é possível perceber em algumas instituições de ensino, que a filosofia não tem sido debatida e questionada como deveria pelos profissionais da educação. A filosofia não tem sido refletida coletivamente e construtivamente por parte da maioria dos professores inseridos no ambiente escolar. De fato, a falta de reflexão filosófica na aprendizagem dos educandos em sala de aula pode causar impactos cada vez mais negativos e omissos no conhecimento humano dos aprendizes, fazendo com que os educandos não sejam capazes de desenvolver uma consciência crítica em torno dos fatos sociais, da sociedade em que vivem, e do mundo que os cercam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a pretensão de fazer algumas considerações sobre as habilidades que o educando adquire quando tem contato com a filosofia, desde os primeiros anos do ensino fundamental. Ao retomarmos a nossa pergunta inicial sobre a importância do ensino da filosofia na educação infantil percebemos que, ao oferecermos um ambiente filosófico, levamos as crianças a refletirem através do diálogo investigativo desenvolvido por Matthew Lipman. Essa teoria possibilitou ao educador desenvolver, didaticamente, aulas de filosofia que contribuirão e facilitarão para o desenvolvimento das habilidades filosóficas na criança. Além do mais, o presente trabalho expressa algumas habilidades que o educando desenvolve ao entrar em contato com a filosofia tais como: identidade, imaginação, verdade, certo, errado, amizade, entre outras e reforça uma das principais exigências da educação de hoje o ensinar a pensar. O programa filosofia para crianças tem se configurado como um dos alicerces para uma proposta educacional que atenda aos anseios de uma sociedade



multiculturalista e transformações econômicas e sociais dinâmicas. Um dos grandes desafios pedagógicos atuais é a conquista da liberdade intelectual, de professores e educandos. A melhoria da qualidade do ensino indica a necessidade de uma formação global, não só de estudantes, mas também dos professores, portanto o exercício do filosofar dá a oportunidade de professores e estudantes, juntos, compreenderem que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, distante da previsibilidade das ideias anteriores.

O verdadeiro conhecimento não deve se contentar em aderir às descobertas, e sim, ser construído por meio de retificações e do rompimento com ideias precedentes, colocando-se na intenção de uma razão aberta e transformadora. As explanações que foram feitas nos mostram que para a formação de um ser crítico é preciso abandonar não apenas o saber comum, mas também o saber fundamentado em critérios que não se expõem a análises e questionamentos. É preciso abandonar o racionalismo clássico, pois ele não se concilia ao racionalismo aplicado para um aprender, é preciso desaprender. Entendemos com isso, que se contrapõe ao processo de ensino que coloca o educando como um ser passivo, um mero depósito de conhecimento. O compreender é uma emergência do saber.

7. REFERÊNCIAS

ARGUMEDO, M.; WERTHEM, J. (Org.). **Educação e participação**. Rio de Janeiro: Philobiblion/IICA/SEPS/MEC, 1985.

BORDENAVE, O. F. **Aspectos teóricos da Pesquisa Participante: consideração sobre o significado e o papel na participação popular**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995b.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995a.

DEWEY, J. Atual há 100 anos. 2003. Disponível em <http://www.novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/159_fev03/html/pensadores>. Acesso em: 27 mar. 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FURTER, P. **Educação e reflexão**. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- GADOTTI, M. **Comunicação Docente - Ensaio caracterização da relação educadora**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995b.
- KOHAN, W. O. **Filosofia para criança**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GADOTTI, M. **Pensando a prática da Filosofia na Escola**: 2001. Disponível em <<http://www.unb.br/fé/tef/filoesco/fudamentos.html>>. Acesso em 27 mar. 2007.
- KOHAN, W. O.; KENNEDY, D. (Orgs.). **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Série filosofia e criança; v. 3).
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LIPMAN, M. A **Filosofia e o desenvolvimento do raciocínio**. 2000. Disponível em <<http://orbita.starmedea.com/~filocrit/Art2do1.doc> htm>. Acesso em 30 mar. 2007.
- LIPMAN, M. A. **A Filosofia vai à escola**. Trad. de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em educação; v. 39)
- LORIERI, M. A. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MALACARNE, V. **Formação dos professores e o Espaço da Filosofia**. São Paulo, 2005. Texto de Qualificação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Mimeo.
- SÁTIRO, A. **Avaliar: questão humana**. Coleção Pensar, volume 3, p. 29-32, 1997.
- SILVA, Douglas Roberto da et al. **BNCC e fundamentos teóricos da filosofia no Ensino Médio**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Uberlândia, 2021.
- SILVA, M. P. da. **O Programa de filosofia para criança de Matthew Lipman: um estudo crítico**. 2001. Dissertação (Mestrado em educação brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.
- SHARP, A. M. **Algumas pressuposições da noção Comunidade de Investigação**. 2000. Disponível em <http://www.cbcf.com.br/mod_biblioteca.asp?passos=Artigo&ArtigoID=34>. Acesso em: 27 mar. 2007.



WUENSCH, A. M. **Notas para uma história do movimento filosofia para crianças no Brasil.** 2001. Disponível em: <<http://www.unb.br/fé/tef/filoesco/fudamentos.html>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

ANEXO

Apêndice A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu, Neide Castro de Moraes Borges RA 42562

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO

NÃO AUTORIZAÇÃO

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMP e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: A Filosofia para Crianças: questões metodológicas para os anos iniciais do ensino fundamental de autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Marcelia Friedrich Curso: Pedagogia Modalidade afim Educação

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Neide Castro de Moraes Borges
Assinatura do representante do grupo

Assinatura do Orientador (a):

Marcelia Friedrich

Colônia, 06 de Julho de 2023